

Editorial

No clássico ensaio intitulado “Palestra sobre Lírica e sociedade”, Theodor Adorno afirma saber que o tema escolhido iria provocar desconforto nos seus ouvintes. E que, no miolo das razões desse mal estar, estaria a desconfiança de que o palestrante pudesse por a perder o próprio objeto, a lírica, em nome de um prioridade concedida, no caso, a considerações de caráter sociológico. Para acalmar os ânimos dos desconfortáveis, o crítico faz uma reflexão não menos provocadora, lembrando que “a referência ao social não deve levar para fora da obra de arte, mas sim levar mais fundo para dentro dela”.¹

Esse desafio, nada simples de cumprir, atravessa os textos que compõem o dossiê desta revista – *Literatura e Marxismo*. A apresentação pontual dos textos do dossiê aguarda que os leitores deste número possam estabelecer com eles uma conversa proveitosa. Nele está reunido um elenco de estudiosos para os quais a forma literária é decisiva na constituição de uma obra, na medida em que a decantação formal dos seus conteúdos inscreve e expõe, sempre de modo singular, uma experiência de tempo e de lugar.

O primeiro ensaio “Marx, Engels e os escritores românticos”, de Michael Löwy e Robert Sayre, mostra os próprios Marx e Engels como leitores que puderam aprender com as obras literárias, ao conferir centralidade ao “jogo livre da imaginação”, sempre histórica e criticamente situada. Suas leituras e suas observações sobre autores românticos e sobre outros autores da prosa inglesa os colocam em franca oposição a uma visão instrumental da literatura, de base stalinista.

Em “O realismo na crítica literária de Lukács e Adorno”, Irenísia Torres Oliveira discute a representação realista a partir das leituras de romances e das reflexões teóricas de dois críticos fundamentais, Georg Lukács e Theodor Adorno. Levando em conta o modo como cada um dos críticos pensa

1. Cf. T. Adorno, “Palestra sobre lírica e sociedade”, in *Notas de Literatura I*, tradução de Jorge de Almeida. São Paulo, Duas Cidades/Editora 34, 2003, p. 66.

o próprio conceito de realismo e suas categorias, o ensaio mostra que para ambos, mas com respostas diversas, estão em jogo as condições objetivas de representação de uma experiência reificada.

Por sua vez, Celso Frederico, em “Marxismo e literatura: breve roteiro” traça, na verdade, um amplo panorama de críticos marxistas, onde cabe inclusive a proposta do “realismo socialista” nos anos de 1930. Apresentando as posições de Caldwell, Brecht, Bakhtin, Gramsci, Walter Benjamin, Adorno e Georg Lukács, ele as relaciona, nas suas diferenças, a partir do interesse comum pelas relações entre literatura e vida social.

“The identity of Identity and Difference: Modernism and African Literature”, de Nicholas Brown, mostra que os romances *Carpenter’s Gothic* (1985), de William Gaddis, e *A Geração da Utopia* (1992), de Pepetela, se completam como figurações diversas, mas relacionadas, de impasses históricos, políticos e narrativos. A impossibilidade de representação da Utopia, quando a regra é a dispersão das energias sociais e psíquicas, nos termos impostos pela ordem econômica global, tem alcance a ser pensado como forma literária e experiência social.

O ensaio de Fabio Akcelrud Durão, “Por uma crítica da multiplicidade nos estudos literários”, discute o estatuto adquirido pelos conceitos de multiplicidade e de plural quando entendidos, com positividade, como sinônimos de inclusão democrática. Refletindo criticamente sobre os resultados dessa posição interpretativa, alerta para a semelhança entre os procedimentos que se valem desses conceitos e a circulação da forma mercadoria no atual estágio do capitalismo.

Finalmente, as duas resenhas aqui apresentadas também compõem o projeto do dossiê deste número da revista: a de Alexandre Pilati discute o último livro de Roberto Schwarz, um dos nossos mais consequentes críticos literários materialistas, *Martinha versus Lucrecia* (2012); a de Ivone Daré Rabello e Edu Teruki Otsuka apresenta aos leitores o livro de Silvia Viana, *Rituais do sofrimento* (2013) que, tendo como objeto os *reality show* que assolam a programação dos canais de TVs (não apenas os nacionais), desvenda o alcance da violência na sociedade administrada.

Saete de Almeida Cara
Tania Celestino de Macêdo